

# Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX

MARIA CLÉLIA LUSTOSA COSTA\*

**F**ortaleza, até o início do século XIX, era um povoado sem nenhuma importância econômica, mas a presença da fortaleza, garantia apoio aos barcos que navegavam entre o Maranhão e o Piauí e aí aportavam para se abastecer. Adquire o status e as características de cidade, no século XIX, após a separação da província de Pernambuco e, principalmente, com a inserção do Ceará na divisão internacional do trabalho, como exportador de algodão. O crescimento econômico da província e a política do Império de fortalecimento das capitais das províncias, atraíram moradores, investimentos foram realizados em edificações e infraestrutura e serviços foram implantados em Fortaleza.

Este artigo tem como objetivo discutir as transformações no espaço urbano de Fortaleza durante o século XIX, em virtude da dinâmica econômica e da ação do poder público direcionando a expansão da vila e depois da cidade.

Fortaleza, como muitas outras cidade, tem no quadro natural sua limitação, que cresce acompanhando a margem esquerda do rio Pajeú. Além dessas condições naturais, para a compreensão da formação de Fortaleza, é fundamental analisar o papel dos diferentes agentes produtores do espaço, principalmente o Estado, que investiu na construção de edificações públicas, estradas, ferrovias, legislou e aprovou Códigos de Posturas e concedeu a exploração dos serviços públicos (iluminação, distribuição de água, transporte, comunicações) a empresários nacio-

---

\* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

nais e estrangeiros, como a Ceará Water Company, Ceará Gas Company e a Ceará Harbour Corporation. Os exportadores e importadores, fazendeiros, industriais, comerciantes, prestadores de serviços que organizavam e coletavam a produção, beneficiavam a matéria prima e distribuíam os produtos locais e importados contribuíram na organização do espaço urbano de Fortaleza. A população, de acordo com suas condições financeiras, edificava suas habitações. Aqueles com melhor renda moravam no centro e nos bairros que vão surgindo no final do século XIX, quando as linhas de bonde são implantadas. A população mais carente autoconstruía suas choupanas com material local nas chamadas “areias”, nos arredores da área mais urbanizada.

Inicialmente apresentaremos o processo de ocupação do território da atual Fortaleza e as dificuldades enfrentadas na formação da vila, em virtude das condições naturais. Posteriormente, o artigo trata da tentativa de disciplinar o espaço da cidade, desde a chegada do primeiro arruador (1800), passando pela planta em traçado de xadrez do Coronel engenheiro Antônio José da Silva Paulet (1812) e a aprovação do primeiro Código de Posturas, em 1835, até os levantamentos e as plantas de expansão de Fortaleza elaboradas por Adolfo Herbster (1859, 1875 e 1888).

## **1 A natureza e a ocupação do território**

A história urbana de Fortaleza não é somente a descrição de um pequeno núcleo de povoamento que vai progressivamente tornando mais complexas as suas relações, mas também o predomínio das implacáveis forças naturais que vão perdendo importância, de acordo com o avanço do conhecimento científico.

No século XVII, o território da futura cidade de Fortaleza foi ocupado com objetivo militar, de entreposto comercial entre as capitânicas do Norte. O pequeno povoado tinha como função apoiar a passagem para os que vinham do Pará ou Maranhão em direção a Pernambuco. A cidade, nascida entre outros núcleos urbanos já desenvolvidos, terá que esperar mais de um século para se tornar um aglomerado populacional importante.

Um forte, um riacho e poucos moradores esta é a imagem da antiga vila de Fortaleza, conhecida e descrita pelos viajantes. A luta dos

seus moradores e governantes será inicialmente contra as condições naturais, principalmente a seca. Como em todo aglomerado humano, a determinação primeira será natural. É o quadro natural em sua determinação que modelará as ações necessárias e depois possíveis dos habitantes. Os séculos seguintes darão prova da dependência dos habitantes de Fortaleza ao quadro natural. Passa então a predominar a lógica da organização social e principalmente do poder político como fator organizador da cidade.

O Ceará não apresentava os atrativos naturais da zona da mata do Nordeste oriental. A ausência de produtos de interesse dos colonizadores e a natureza marcada pela semiaridez dificultaram a ocupação da capitania do Ceará. A primeira tentativa de apropriação do território, onde hoje está situada a cidade de Fortaleza, ocorreu com a chegada da expedição de Pero Coelho de Souza, em 1603. Depois de muitas lutas com indígenas e franceses, Pero Coelho de Souza fundou às margens do Rio Ceará a povoação de Nova Lisboa, mas “acossado pelo silvícola inimigo e pela trágica seca de 1605-1607” e tendo perdido parte de sua família, ele foi obrigado a retirar-se para o Jaguaribe e, depois, para o Rio Grande. (apud GIRÃO, 1984).

A posse efetiva da terra só se deu a partir de Martim Soares Moreno<sup>1</sup> que, chegando em 1611, construiu, na Barra do Ceará, o Forte São Sebastião (Figuras 1 e 2).

Soares Moreno exalta, em sua “Relação do Ceará”, datada de 1618, - o mais antigo documento descritivo da região circunvizinha do Rio Ceará, então conhecida como Siará - a excelente qualidade da terra e pede apoio para a criação de um aldeamento na região que servisse “para estalagem dos que forem e vierem do Maranhão e do Pará a Pernambuco”. (apud CASTRO, 1982, p. 35).

---

<sup>1</sup> Martim Soares Moreno inspirou o escritor cearense José de Alencar na criação do personagem de Martim, o “guerreiro branco”, do romance *Iracema*, obra famosa da literatura brasileira do século XIX.

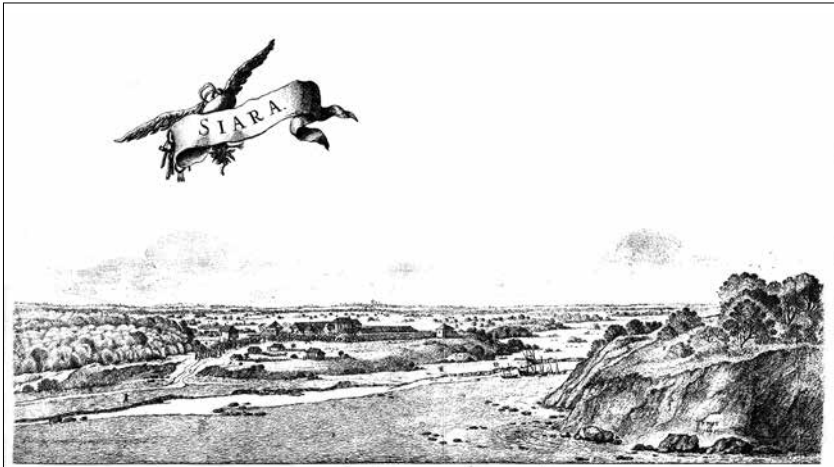


Figura 1 - Forte de São Sebastião. Desenho de Frans Post. Fonte: Barleus, 1647.



Figura 2 - Forte de São Sebastião. Fonte: Montanus, 1671.

De sua base às margens do rio Ceará, Soares Moreno partiu para observar a presença dos franceses no Maranhão, mas teve seu barco desgarrado para as Antilhas. De volta ao Ceará, em 1621, com o título de Capitão-Mor, permaneceu na capitania até 1631, quando novamente partiu, desta vez definitivamente, para combater os invasores holandeses em Pernambuco. Com o afastamento de Soares Moreno, arruinou-se o Forte São Sebastião e, em 1637, a região passou a ser controlada pelos holandeses. Liderada por Matias Beck, uma expedição holandesa desembarcou na baía do Mucuripe, em 1649, na esperança de encontrar prata na Serra de Maranguape. Constatando a ausência de água doce no Mucuripe, os holandeses estabeleceram, em 1649, na margem esquerda do rio Pajeú, sobre a colina de Marajaitiba - o que lhes propiciava uma visão geral da baía - o forte de Schoonenborch e ali permaneceram por sete anos, até sua expulsão definitiva do Brasil, em 1654.<sup>2</sup> (MENEZES, 1897, p. 42).

Com a capitulação dos holandeses, os portugueses retomaram o controle da região. Deram ao forte holandês o nome de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção e se fixaram definitivamente nas margens do rio Pajeú, pois o sítio onde anteriormente se haviam estabelecido, às margens do rio Ceará, apresentava alguns inconvenientes, como a insalubridade e o assoreamento no leito fluvial que lhes dificultava o acesso<sup>3</sup>. A vila de Fortaleza estava situada “a mais de légua ao oeste da ponta do Mucuripe, e de dois da barra do rio Ceará”, em região considerada salubre por Thomas Pompeu de Souza Brasil (1896). As características naturais do sítio onde foi localizada a vila foram descritas por Brasil:

---

<sup>2</sup> Em 1630, os holandeses invadiram Pernambuco e sua passagem pelo Recife propiciou discutida contribuição para a nossa história. A principal personalidade holandesa desse processo foi o Conde João Maurício de Nassau Siegen que chegou a Recife em 1637. Autêntico espírito da Renascença, Nassau trouxe consigo dois grandes pintores Frans Post e Albert Eckout, além de cartógrafos e cientistas. Depois de sua partida, em 1644, deu-se a derrocada do domínio holandês no Nordeste e, em fevereiro de 1649, depois da derrota na Batalha dos Guararapes, os holandeses enfrentaram duros problemas até serem expulsos do Brasil, em 1654.

<sup>3</sup> Em documento datado de 1814, o governador Barba Alardo de Menezes (1808-1810), explica que a transferência da vila se dera em função da insalubridade da Barra do Ceará. (CASTRO, 1997, p. 42).

A extensa área do littoral se alonga por 3 a 4 kilometros para o interior, compõem-se na sua quase totalidade de terreno silicioso, grés, decomposição de quartz, com profundidade de alguns metros, repousando, ora sobre a rocha primitiva, ora sobre delgada camada de marga ou argila. A inclinação geral para o mar com as pequenas depressões para leste, oeste e norte, seguindo o leito do riacho Pajehú, Jacarecanga e praia, servem de escoadouro as águas pluviaes. Em um outro trecho, accidentes do solo permittiram a acumulação dos detricitos que formam estreita camada de alluvião. A não ser a orla marítima, na qual os comoros de aréa, impedindo o escoamento das águas pluviaes e retendo grande marés, originaram anteriormente lagamares, maceiós, pequenos pântanos, em parte dessecados, e o vale superior do riacho do Pajehú, nenhum outra fonte de insalubridade natural existe na Fortaleza. (BRASIL, 1896, p.8-9).

Apesar da temperatura semelhante à de outras cidades litorâneas do semiárido brasileiro, o calor de Fortaleza era amenizado pelos ventos alísios. O Barão de Studart compara o clima da capital do Ceará com outras cidades da região:

Em Fortaleza (3°43'38" Lat. S, 4°39'23" Long. E, Rio), a média da temperatura annual é de 26°6', a das máximas 30°4' e das mínimas 23°31', a média da pressão barométrica 762,4, da chuva 998 mm, da humidade relativa 72,6, da tensão do vapor d'água 20,3... Belém, Natal e Recife dão médias de 26°21, 26°5 e 26°3 respectivamente, mas nenhuma dessas capitães tem como Fortaleza o calor amenizado pela constante viração. (STUDART, 1910, p. 24).

Em 13 de abril de 1726, a Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção (Figura 3) foi elevada à categoria de vila pelo governo metropolitano. Durante todo o século XVIII, mesmo sendo a vila, morada dos capitães mores da capitania, Fortaleza continuou um povoado pobre, abandonado e insignificante, mantendo função puramente administrativa e não se destacando pelas atividades econômicas, pois estava isolada dos principais centros populacionais do Ceará.

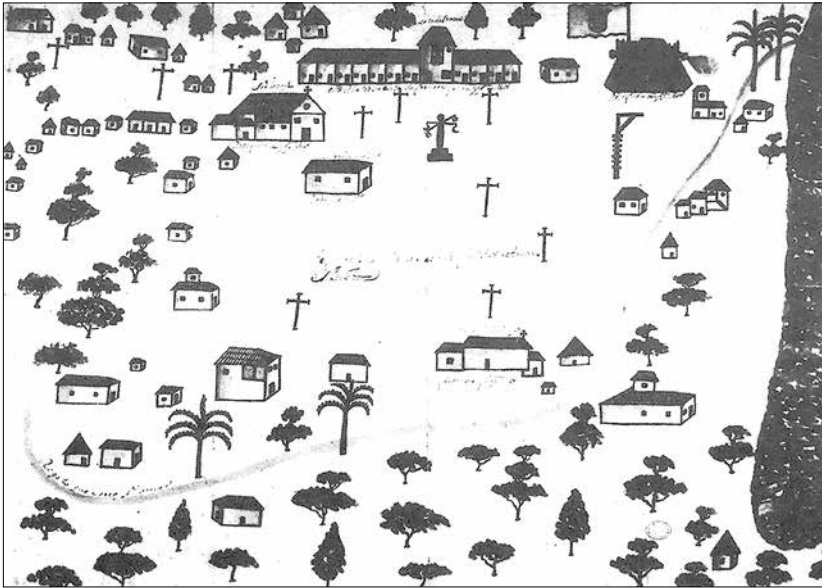


Figura 3 - Carta de Fortaleza em 1726, mandada executar por Manuel Francês.  
Fonte: Castro, 1982.

Numa classificação estabelecida por Maria Salette de Souza (1975), no Século XVIII, as vilas de maior importância do Ceará estavam no interior Sobral e Crato, à exceção de Aracati, no litoral leste. Em seguida estava o Quixeramobim no sertão central. Em terceiro lugar estavam as vilas de Fortaleza, Granja e Aquiraz.

O primeiro presidente da capitania autônoma, Bernardo Manuel de Vasconcelos, ao chegar a Fortaleza, espantou-se com a pobreza da capital onde havia “uma falta absoluta de todas as coisas de primeira necessidade”. E comparou-a à vila de Aracati de “numerosa população, comércio bem estabelecido”, acrescentando que: “A civilidade, a polidez de seus habitantes fazem esta Vila [o Aracati] assás recomendável, juntando a isso uma agradável e regular arquitetura nas suas casas, e no grande número delas os donos possuem avultados cabedais”. Enquanto a vila de Fortaleza era “um montão de areia profundo apresentando do lado pequenas casas térreas, encontrando nesta classe a muito velha e arruinada casa dos governadores”. (Ofício de 1º. 01.1800).

## 2 Sítio urbano: aspecto da vila no começo do século XIX.

O vento que vinha de longe, na tarefa de dar à costa do Ceará a forma retilínea que um dia tomará, alinhando-se por ele, incumbiu-se de aterrar os lagamares do perímetro da futura cidade, lançando sobre eles uma quantidade enorme de areias e fazendo-os perder o seu primitivo caráter de marinhas. A esse poderoso instrumento das transformações da terra, deve Fortaleza o assento que lhe coube. (JOÃO BRÍGIDO, Fortaleza de 1810).

No começo do século XIX, Fortaleza ainda crescia lentamente, à margem esquerda do Pajeú, acompanhando as tortuosidades deste rio, principal fonte de abastecimento de água. O riacho do Pajeú dividia as terras imediatas à Fortaleza de N. Senhora da Assunção em duas zonas distintas. Na margem direita, a elevação do Outeiro da Prainha, alargava-se até a descida para o mar, cujas águas lambiam suas encostas. Ali foi construído o seminário episcopal que ficou conhecido como Seminário da Prainha. À margem esquerda, com seu terreno ondulado pelas dunas formadas pela força do vento era cortada por um tributário do Pajeú: o córrego do Garrote que formava a lagoa do Garrote. As duas elevações separadas pela depressão onde corriam os córregos ficaram conhecidas como: colina do Teatro Taliense, ao sul, na Rua Formosa, e colina da Misericórdia ou Marajaitiba, ao norte onde se erguia o forte e foram estabelecidas a Santa Casa de Misericórdia e a Cadeia Pública. Em torno dessas duas principais colinas, erguiam-se outras cinco pequenas formando um total de sete. Dentre elas destaque merece pela importância posterior para a cidade, a elevação da Aldeota, antiga povoação de índios. (GIRÃO, 1997, p. 35).

O comerciante inglês Henry Koster fixou-se em Pernambuco no começo do século XIX a ver se o clima quente e seco do Nordeste o ajudava a tratar uma tuberculose incipiente. Em *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1941), publicado em 1816, em Londres, Koster descreve Fortaleza, entre o final do ano de 1809 e começo de 1810:

Não há rio nem cais e as praias são más e de acesso difícil. As vagas são violentas e o recife oferece proteção diminuta aos navios, viajando ou ancorados perto da costa (...) A vila, edificada sobre terreno arenoso, (...) situava-se numa colina ao pé da for-



taleza que lhe deu o nome e, tanto a Fortaleza quanto o paiol de pólvora erguiam-se sobre uma montanha de areia. Não obstante a má impressão geral, pela pobreza do solo em que esta Vila está situada, confesso ter ela boa aparência, embora escassamente possa este ser o estado real dessa terra. (KOSTER, 1942, p.165).

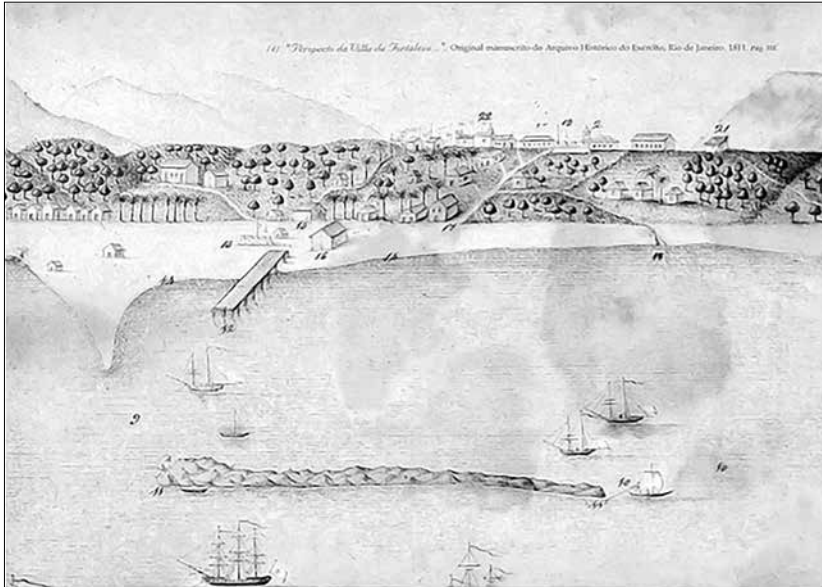


Figura 4 - A vila de Fortaleza em 1811. Aquarela de Francisco Antônio Marques de Giraldes. Fonte: Reis Filho, 2000.

A vila de Fortaleza apresentava formato quadrangular com quatro ruas partindo da Praça do Conselho (atual Praça da Sé), onde ficavam o pelourinho e a Igreja da Matriz. De acordo com Malmmann, as quatro ruas mencionadas por Koster eram a antiga Rua da Cadeia ou do Quartel; a Rua da Boa Vista, atual rua Floriano Peixoto; a rua dos Mercadores, na margem oriental do riacho do Pajeú e a rua da Fortaleza, depois denominada rua da Misericórdia. Havia também, outra rua, a das Flores, “bem longa, do lado norte desse quadro, correndo paralelamente, mas sem conexão” e que passava defronte à Matriz. (Koster apud MALMMANN, 1931, p.19).

Na planta de Fortaleza, elaborada por Silva Paulet, em 1813, pode-se visualizar a vila visitada por Koster. Observa-se um aglomerado de casas na altura da ponta da Prainha, próximo ao ancoradouro. A maior concentração de edificações está à esquerda do riacho Pajeú, se espalhando para o interior, na direção sul da lagoa do Garrote. Já estão presentes os caminhos, que orientaram inicialmente o crescimento de Fortaleza, dispostos de modo mais geral, em forma radioconcêntrica: Estradas de Jacarecanga, de Soure, de Arronches, do Aquiraz, da Precabura, e a Picada de Macoripe. Posteriormente a vila cresceria, obedecendo ao traçado em xadrez que seria proposto por Paulet.

Os edifícios públicos - Palácio do Governador, Casa da Câmara, Cadeia, Alfândega e a Tesouraria - eram pequenos e baixos, “mas limpos e caiados, e perfeitamente adaptados aos fins a que se propunham”, diz Koster (1942). Estava em construção a igreja matriz que tinha “por invocação São José de Ribamar”. O Palácio do Governo era a única habitação da cidade assoalhada. Koster, que foi recepcionado pelo presidente da capitania Luiz Barba Alardo de Menezes (1808-1811), observou que eram excelentes as casas de governo, dos camaristas e da inspeção do algodão e bom o quartel de infantaria, onde se localizava a Capela de Nossa Senhora d’Assumpção, “com bastante perigo o hospital militar”. (1897, p. 42). O governador concordava que a localização de alguns equipamentos públicos era imprópria. A Casa da Junta da Real Fazenda, Contadoria e Real Erário que ficavam “por cima da cadeia e calabouço, com tanta impropriedade, risco e encommodo dos officios das ditas”, o que levou a que os “claviculários” solicitassem sua mudança. (MENEZES, 1897, p. 41)

O autor da *Descrição geográfica abreviada da capitania do Ceará*, incorretamente atribuída a Silva Paulet, criticou o mau uso e a decadência da Casa da Câmara.

Há uma casa de câmara arruinada: não tem cadeia, e servem-se as autoridades civis de uma cadeia militar; o que dá motivo a uma infinidade de contradições e etiquetas, que se não podem emendar, em muito detrimento da expedição das dependências criminaes. (1898, p. 16).

O mesmo autor também ressaltou a pobreza do comércio de Fortaleza: “A villa é pobre, seo commercio de pouco vulto, ainda que o

porto é soffrivel, (...) o commercio é muito menor do que o de Aracati”. (1898, p. 16). Impressão que levara poucos anos antes o inglês Koster:

A dificuldade de transportes, terrestres, particularmente nessa região, e a falta de um porto, as terríveis secas, afastam algumas ousadas esperanças no desenvolvimento de sua prosperidade. O comércio do Ceará é limitado e, provavelmente, não tomará grandes impulsos. (1942, p. 164).

Apesar de pobre, a vila de Fortaleza cresceu sob a égide do vento, da luz, do clima quente, porém pouco úmido e dos espaços largos, que a cercaram, associados a uma condição natural de salubridade.

### **3 O tenente coronel de engenharia Silva Paulet e o disciplinamento da vila**

A carta real de 17 de janeiro de 1799 emancipou o Ceará da Capitania de Pernambuco. Este fato, que resultou na permissão de comércio direto com o reino, contribuiu para o crescimento da Capital. O primeiro governador da capitania, Bernardo Manuel de Vasconcelos, registrou: “progressos do dito comércio têm resultado um bom número de casas de que a mesma vila se vê acrescentada chegando ao todo dezesseis, todas térreas, as quais acabadas até julho e estariam antes se houvesse artífices suficientes para este fim.” (apud GIRÃO, 1979, p. 67).

A abertura dos portos em 1808 possibilitou o incremento do comércio direto da Capitania com alguns portos da Europa, o que até então era intermediado por Pernambuco. Em 1809, saíram pelo porto de Fortaleza, 3.386 sacas de algodão com 11.271 arrobas, com destino a Pernambuco e Inglaterra. (STUDART, 1896, p. 488). Em maio de 1811, o irlandês William Wara fundou a primeira casa estrangeira de comércio direto com a Europa, ampliando-se o volume exportado, que atingiu uma média de 16 a 17 mil arrobas por ano. (STUDART, 1896, p. 489).

Luiz Barba Alardo de Menezes (1808-1811), terceiro governador da Capitania, impulsionou a agricultura e fundou uma fábrica de louça vidrada (1809), em Fortaleza. Preocupado com o abastecimento da população local, em 15.06.1809, determinou a construção de um mercado público, em que estava definido: “vendam aos sábados todos os víveres

de primeira necessidade e se faça annualmente uma feira franca”. A primeira feira semanal de Fortaleza ocorreu em 1º. 7.1809. (STUDART, 1896, p. 483).

Neste novo cenário teve inicio a preocupação do poder público em organizar e direcionar o crescimento de Fortaleza. Um marco na ordem urbana foi a contratação de Manuel Ferreira da Silva, para o cargo de arruador, em 1º de julho de 1800 com o objetivo de dar às ruas certa orientação e regularidade e disciplinar o traçado da vila de Fortaleza. Essa mesma administração ordenou também a construção de um açougue, em 1802. (MALMMANN, 1931).

Em decreto datado de 06.02.1808, o ouvidor Francisco Affonso Ferreira, com o objetivo de conter a ocupação rarefeita da vila e a má distribuição da população, determinou que a Câmara de Fortaleza proibisse a edificação de casas no fim da rua que seguia para a Estrada de Messejana “afim de que os povos com esta proibição se desponhão a fazel-o no centro da villa e no terreno da casa da pólvora”. (STUDART, 1896, p. 480). O levantamento da *décima urbana*<sup>4</sup> de 1808 revelou a existência de 150 prédios para uma população de aproximadamente 1.000 habitantes, segundo avaliação de Sabóia Ribeiro (1955, p. 3). Na vila havia três igrejas, a da Matriz, a capela da Fortaleza da Assunção e a ermida do Rosário.

Constatada a necessidade de se construir edificações públicas e elaborar normas para a expansão da vila, o governador da Capitania do Ceará, de 1812 a 1820, Coronel Manuel Inácio de Sampaio, trouxe como seu ajudante de ordens, o português Tenente-Coronel Engenheiro Antônio José da Silva Paulet. Sampaio iniciou a organização administrativa da Capitania instalando a Alfândega (1º.07.1812), repartição destinada a arrecadação dos impostos de entrada e saída de gêneros; implantando o Correio (1º.5.1812) e promovendo a reconstrução da

---

<sup>4</sup> “Décima Urbana” ou “Décima dos Rendimentos dos Prédios Urbanos” era um imposto arrecadado pela Superintendência da Décima, órgão criado pelo alvará de 27/6/1808. No início este imposto era cobrado apenas no município do Rio de Janeiro, mas logo depois foi estendido às “cidades, vilas e lugares notáveis situados à beira-mar”. A Décima Urbana converteu-se, muito mais tarde, no Imposto Predial e Territorial Urbano, que subsiste até hoje. (LEIS DO BRASIL, 1808, 1830 e 1831, apud <http://www.receita.fazenda.gov.br/Historico/SRF/Historia/.htm>).



Para Liberal de Castro, apesar da reduzida área ocupada pelo plano de Paulet, este orientou o crescimento da malha urbana:

Constava de duas ou três ruas perpendiculares à linha de continuação da divisa do terreno do quartel da Fortaleza, portanto paralelas e dispostas na direção norte-sul, além de cortadas ortogonalmente por “travessa”. (1994, p. 50).

Fortaleza nasceu, realmente, de um traçado sobre um papel. O plano de expansão orientou as ações do poder público local e só assim foi possível que o traçado de linhas fixado no projeto servisse de modelo à dinâmica de uma cidade real. Em 1823, alguns meses após a Independência, o imperador Pedro I elevou por decreto todas as vilas que fossem capitais de província à categoria de cidade<sup>6</sup>. Assim, Fortaleza, vila desde 1726, tornou-se cidade, com a denominação de Fortaleza de Nova Bragança.

#### **4 A hegemonia urbana de Fortaleza e o governo de Alencar**

Desde o final do século XVIII, o algodão do Ceará fazia parte da agenda de produtos exportados pelo Brasil. A vila, aos poucos, foi sendo dotada de infraestrutura e serviços para atender às transações comerciais diretas com Lisboa, iniciadas em 1804. Durante o século XIX, com o avanço da indústria têxtil na Europa, aumentou consideravelmente a demanda pelo produto. A partir de meados do século XIX, a queda na produção de outros fornecedores e a Guerra da Secessão (1861-64) nos Estados Unidos, poderoso concorrente, contribuíram para expandir significativamente a indústria algodoeira cearense e para dinamizar o comércio de sua capital.

O processo de hegemonia urbana de Fortaleza se iniciou, portanto, na primeira metade do século XIX e se completa na segunda metade. A centralização do poder político e administrativo iniciada no primeiro Reinado e que marcou todo o período imperial privilegiou as

---

<sup>6</sup> No momento da Independência do Brasil, em 1822, Fortaleza contava com 45 ruas espaçosas, 2 travessas, 4 bulevares, 16 praças, 3.855 casas compreendendo as estradas empedradas do Visconde de Cauhipe e da Pacatuba, 10 igrejas e 24 edifícios públicos. (STUDART, 1896).

capitais das províncias. (LEMENHE, 1991). Este fato e a concentração de um volume maior da produção para o comércio externo favoreceram o crescimento econômico de Fortaleza e contribuíram para que a maior parte de investimentos governamentais em edificações, infraestrutura e serviços se fixasse na capital.

Na primeira gestão do cearense José Martiniano de Alencar, entre 1834 e 1837, quando implantou a Assembleia Legislativa (1835), o progresso econômico e político-administrativo do Ceará ganhou forte impulso. Em 1835, foi criado o Banco Provincial do Ceará, com capitais privados (extinto em 1851). Alencar estimulou a construção de açudes de pedra e cal; importou o primeiro engenho a vapor da província e incentivou o cultivo e a fabricação do chá, café e açúcar. A fim de suprir a falta de braços para a lavoura, organizou uma Companhia de Trabalhadores cujos salários seriam pagos pelos próprios agricultores e mandou buscar colonos estrangeiros - trabalhadores agrícolas e especializados nos ofícios de ferreiro, pedreiro, *carpina* e *factura* de estradas. Também solicitou ao governo imperial o envio de cinco “professores dignos deste nome” para residir nas cinco primeiras localidades da Província, isto é, Fortaleza, Aracati, Icó, Crato e Sobral. (NOGUEIRA, 1889).

A administração de Alencar foi muito benéfica para o progresso de Fortaleza. Ele dotou a capital com iluminação a azeite; fez o reservatório do Pajeú; construiu chafarizes, uma aguada pública para as lavadeiras de roupa, uma ponte de pedra e cal sobre o riacho do Pajeú, facilitando o acesso ao bairro da Prainha, onde se encontrava a Alfândega; abriu poços (Cacimba do Povo, próximo ao Colégio das Órfãs); mandou construir estradas “da capital para Mecejana e d’ahi para Aracati, Icó e Crato; e ainda da capital para Soure, Maranguape, Baturité, e Sobral” e fazer estudos para o melhoramento do porto. (NOGUEIRA, 1889).

Alencar determinou a plantação de árvores de ambos os lados das estradas para sombreá-las e que nenhuma tivesse menos de 32 a 40 palmos de largura, aproximadamente 7 e 8 metros (NOGUEIRA, 1889). Estas estradas, ligando as regiões produtoras de algodão e de culturas de subsistência, facilitaram o deslocamento da produção para a capital, colaborando para o desenvolvimento do seu comércio. Visando a orientar o crescimento da cidade e dar instrumentos à administração para agir legalmente e com desembaraço, Alencar aprovou a lei nº 36 de

05.10.1837, que permitia a desapropriação por utilidade Municipal e Provincial. (CAMPOS, 1988, p. 50).

O botânico Freire Alemão<sup>7</sup>, em 3 de maio de 1859, descreve em diário as conversas com o Sr. Franklin de Lima<sup>8</sup>, quando ressalta o papel do futuro senador Alencar para o desenvolvimento da província.

Diz que a cidade era insignificante, sem estabelecimento, mas que na administração do senador Alencar tudo prosperou muito, principalmente com o estabelecimento dum banco provincial; que antes dele não havia dinheiro, era tudo miséria; que com a criação do banco apareceram edifícios e muito prosperou a cidade. Foi Alencar o que deu impulso à cultura da cana e fabrico do açúcar, etc.! (1859/1964, p. 206).

## **5 A Fortaleza de Boticário Ferreira (1843-1859)**

O período entre as secas de 1845 e 1877 é considerado pelos historiadores como um dos mais ricos para a economia cearense, pois foi de bons “invernos” e com o algodão alcançando preços elevados no mercado internacional (GUABIRABA, 1989). Aumentaram-se as trocas. O comércio diversificou-se, com o desenvolvimento da cultura de café e da exportação da borracha de maniçoba. O excedente da produção de açúcar e da cultura de subsistência era vendido para outras províncias. O forte desenvolvimento econômico experimentado pelo Ceará contribuiu para atrair novos moradores e ampliar o número de empregos e de serviços urbanos na Capital.

A proximidade das zonas agrícolas mais produtivas e das rotas comerciais e marítimas e o comércio importador e exportador favoreceram a drenagem dos excedentes da província para capital, o que favoreceu a sua expansão. O crescimento econômico refletiu-se na paisagem urbana e na organização do espaço, que exigiu um maior controle. A cidade foi crescendo, seguindo em parte a legislação. Em 1848, a popu-

---

<sup>7</sup> O médico Freire Alemão foi responsável pelo setor de Botânica da Comissão Científica de Exploração das províncias do Norte, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que chegou a Fortaleza em 1859.

<sup>8</sup> Franklin de Lima responsável pela introdução do teatro em Fortaleza e da contratação do primeiro músico, em 1834, para ensinar piano às filhas.



lação de 8.900 habitantes estava distribuída em 1.418 casas, das quais 571 de tijolo e telha. Naquele ano foi inaugurada a iluminação pública a azeite de peixe, que foi substituída pelo gás carbônico, em 1866. (SABÓIA RIBEIRO, 1955, p.226).

Antônio Rodrigues Ferreira foi o presidente da Câmara entre os anos de 1842 e 1859 e teve um papel importante na organização espacial da cidade. O Boticário Ferreira, como era mais conhecido, procurou seguir à risca as diretrizes de Silva Paulet: providenciou o aumento e a abertura de ruas, modificando o traçado defeituoso e ampliando o traçado em xadrez projetado por Paulet; demoliu casebres, vielas e becos escusos, como o do Cotovelo, encravada na futura Praça Municipal e desapropriou os chamados quartos da Agostinha, onde foi construída a Assembleia Provincial; desobstruiu, alinhou, arborizou e aformoseou as praças Municipal (Feira Nova) e da Carolina, mandando cavar nelas dois cacimbões revestidos de pedra de Lisboa para fornecer água à população; promoveu um novo alinhamento na Praça do Garrote (atual Praça dos Voluntários da Pátria), abrindo passagem para a atual avenida Visconde do Rio Branco e retirou “as casas de palha que existiam entre a Sé e o Palacete do Dr. José Sabóia, próximo ao palácio Episcopal”. (NOGUEIRA, 1887).

As mudanças no aspecto geral da cidade podem ser constatadas nas descrições de Fortaleza feitas por estrangeiros que a visitaram na segunda metade do século XIX. Alexandre de Belmar, em sua *Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones em 1860, précédé d'un rapide coup d'oeil sur le littoral du Brésil*, publicado em Londres em 1861, assim descreve a cidade:

Fortaleza é uma cidade nova, de aspecto europeu, cujas ruas, alinhadas a cordão, são embelecidas com alguns edifícios de notável elegância, no número dos quais convém colocar o palácio do governo, um belo quartel e, sobretudo a igreja catedral. Sua população é de cerca de 25 mil almas. Encontra-se aí um Liceu, uma Junta de Comercio, hospital e, nos arrabaldes, cerca de 1500 casas de palha, que servem de abrigo à classe pobre. (BELMAR, 1898, p. 20).

O suíço Agassiz deixou suas impressões sobre Fortaleza no livro *Viagem ao Brasil (1865-1866)*:

Amo a physionomia do Ceará. Amo suas ruas largas, asseidadas, bem calçadas, resplandescentes de todas as cores, porque as casas que as bordam são pintadas de tons os mais variados. (...). O Ceará não tem esse ar triste, sonolento de muitas cidades brasileiras; sente-se aqui movimento, vida e prosperidade. (AGASSIZ, 1938, p. 532).

As várias descrições de Fortaleza feitas por viajantes, historiadores, presidentes de província, escritores ressaltavam a salubridade da cidade em diferentes momentos. Agassiz destacava sua localização salubre:

Na frente da pequena cidade, corre uma extensa praia e o barulho do mar, batendo forte nos recifes, chega até o quarteirão central. Assim, colocada entre a montanha e o mar, Ceará deve ser uma cidade salubre; é, com efeito, a reputação que gosa. (1938, p. 532).



Figura 6 - A cidade de Fortaleza. Desenho de José dos Reis Carvalho – Comissão Científica de Exploração (1859). Fonte: Chaves *et al.*, 2009.

Em 1859, a frente marítima de Fortaleza foi retratada pelo pintor José dos Reis Carvalho, membro da Comissão Científica formada de membros da Academia de Ciência do Império. Segundo Gonçalves Dias<sup>9</sup>, responsável pelo levantamento etnológico, os estabelecimentos públicos, que não eram poucos, “são grandiosos relativamente e têm

<sup>9</sup> Antônio Gonçalves Dias, poeta romântico brasileiro (Caxias, MA, 1823 - no mar, perto de Guimarães, MA, 1864), foi considerado o criador da imagem romântica e épica do índio brasileiro. Obras principais: *Primeiros cantos* (1847); *D. Leonor de Mendonça* (drama, 1847); *Segundos cantos* (1848); *Últimos cantos* (1851); *Os timbiras* (1857); *Dicionário da língua tupi* (1858); *Vocabulário da língua geral usada no alto Amazonas* (1859); *O Brasil e a Oceania* (1910).

uma arquitetura simples e elegante”, adequada às suas funções. Destaca o Palácio do Governo, “vasto e singelo, com sobrado pela frente e fundos térreos”, quartéis para as tropas e para a Polícia, Tesouraria, Liceu, Casa de Educandos, Igreja Matriz, Cadeia, Cemitério, etc. (DIAS apud BRAGA, 1962, p. 227).

No que esta pequena cidade leva vantagem ao monstruoso Rio de Janeiro, é que seus estabelecimentos públicos, que não são poucos, são grandiosos relativamente, têm uma arquitetura simples e elegante; e mais que tudo são feitos de propósito e acomodados ao seu destino. (DIAS apud BRAGA, 1962, p. 227).

O desenvolvimento de Fortaleza continua durante a década seguinte. Em 1863, segundo a descrição do Senador Pompeu, tinha oito praças providas de cacimbas públicas, três delas muito arborizadas. Sua população alcançava 16.000 habitantes, “contando com os subúrbios ocupados por casa de palha.” Edificada quase “a borda do mar” tinha oito extensas ruas muito direitas, espaçosas e calçadas, onde se distribuíam 960 casas de tijolo e, entre estas, uns 80 sobrados. Fora do alinhamento “equilibravam-se sobre as dunas” mais de 7.200 casas de palha.

Os edifícios mais notáveis são: o palácio do governo, o hospital da Misericórdia, os quartéis militares de primeira linha e polícia, a casa dos educandos artífices, a cadeia, o paço da municipalidade, a cathedral, as duas thesourarias, a alfândega, o armazém da pólvora, o cemitério &. Seu porto, formado por um arrecife, e que vae areiando consideravelmente, tem uma ponte ou trapiche de desembarque, e na ponta do Mucuripe um pharol de luz fixa. (T. P. S. BRASIL, 1863, p. 23).

Em 1867, ao sul do córrego do Garrote, num divisor de água que hoje tem como ápice topográfico a atual Praça Clovis Beviláqua, foram instalados os reservatórios da Ceará Water Works Co. nos quais a água era impulsionada para os chafarizes pela lei da gravidade. No sopé do morro do Croatá, foram construídas em 1873 as instalações da estrada de ferro e, ao sul, na margem direita do riacho do Garrote, no alto do Pimenta, também chamado de alto da Boa Vista, foi construída a igreja-jinha de Nossa Senhora das Dores, no mesmo lugar onde se ergueu mais tarde a Igreja do Coração do Jesus. (GIRÃO, 1997).

William Seully, autor do livro *“Brazil; its Provinces and Chief Cities; the manners and customs of the People; Agricultural, commercial and other Statistics”*, publicado em Londres, em 1866, destaca as ruas largas e cuidadosamente calçadas. “Uma das suas sete praças é bem plantada e a cidade contém uma fonte e três reservatórios d’água”. (apud STUDART, p. 354).

O censo de 1º de agosto de 1872 revelou que o município possuía 42.458 habitantes, dos quais, menos da metade morava na área urbana. A população do Ceará era de 721.686 pessoas. (CASTRO, 1982).

## 6 Plantas<sup>10</sup> que orientaram a expansão da cidade

A forma urbana de Fortaleza resultou da ação de diversos agentes, que elaboravam plantas de expansão da cidade. De modo geral, aqueles que modelaram a paisagem da cidade tiveram o apoio dos que comandavam a execução de obras e dos administradores e legisladores que aprovavam os códigos de posturas e outras leis. Não podemos esquecer como afirma Claval (1981, p.294), que “a organização do espaço urbano não é fruto apenas de uma única vontade que tudo planeja e atribui a cada um o seu lugar”.<sup>11</sup>

As formas urbanas são sempre o fruto de múltiplas iniciativas individuais. Elas nascem sempre de uma organização coletiva; a arte urbana torna-se então a realização de uma elite distinguida por seus conhecimentos e por sua cultura: são eles que controlam a construção e impõem as cidades seus traços (1981, p. 294).<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Essas plantas, ora em exame, compreendem: 1. Levantamentos da situação existente (Herbster, 1859 e 1888); 2. Levantamento das partes construídas e propostas não executadas (Farias, 1850; Medeiros, 1856); 3. Planos de expansão urbana (Herbster 1861/63 e 1875). (CASTRO, 2011)

<sup>11</sup> “...l’organisation de l’espace urbain n’est jamais le fruit d’une seule volonté qui planifie tout et attribue à chacun a sa place” (p.294).

<sup>12</sup> “Les formes urbaines ne sont pas toujours le fruit d’une multitude d’initiatives individuelles. Elles naissent souvent d’un aménagement collectif; l’art urbain deviant alors le fait d’une élite de gens distingués par leurs connaissances et par leur culture: c’est eux qui contrôlent la construction et imposent aux cités leurs traits”. (CLAVAL, 1981, p. 294).

Nos países de origem colonial como o Brasil, segundo Claval (1981), as formas urbanas criadas pelo colonizador se impõem às populações muito mais do que aquelas criadas por elas mesmas. Em muitos casos ocorreram modificações ou reinterpretações dos projetos pelos agentes locais. “O estudo da forma revela a diversidade dos planos, a proliferação de tipos de construção e a multiplicidade das tradições populares”.<sup>13</sup> (CLAVAL, 1981, p. 514).

No caso de Fortaleza, a análise das quatro plantas elaboradas durante a década de 1850 revela que a cidade foi se definindo pelo traçado em tabuleiro de xadrez, projetado pelo tenente coronel dos engenheiros português Silva Paulet.

O arruador-cordeador do município Antônio Simões Ferreira organizou duas plantas a pedido da Câmara: a primeira planta foi levantada em 1850 e a segunda em 1852. O arquiteto Liberal de Castro analisa a planta de 1850 e destaca os limites da cidade: ao norte, rua Nova da Fortaleza (depois da Misericórdia, e hoje, João Moreira), a oeste a rua Amélia (Senador Pompeu), ao sul a rua Pedro I, a sudeste estão a lagoa do Garrote (futuro Parque da Liberdade) e o açude do Pajeú, hoje aterrado, (esquina da Visconde do Rio Branco com Pinto Madeira). O riacho Pajeú apresentava-se como uma barreira física à expansão para o leste e a chamada Praia tinha uma ocupação irregular, “quase espontânea”. Dentre os marcos urbanos mais significativos estavam: a fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, a matriz de São José, o quartel da tropa de linha, o pequeno prédio da Tesouraria Provincial, o largo do paiol (terreno baldio, local do futuro Passeio Público), a praça Municipal, a praça Carolina, onde se vê o mercado público, com pátio interno. No lado leste estão a igreja da Conceição da Prainha e um cemitério, que logo foi interditado, por sua localização imprópria. Já estava prevista uma gleba para a construção do Colégio das Educandas, realizada em 1855. (CASTRO, 2005).

---

<sup>13</sup> “L’étude de forme revele la diversité des plans, le foisonnement des types de construction et la multiplicité des traditions populaires”. (CLAVAL, 1981, p. 514).



Figura 7 - Planta de Fortaleza (1850) elaborada pelo arruador-cordeador da municipalidade Antônio Simões Farias. Fonte: Castro, 2005.

Padre Manuel do Rego de Medeiros, a partir do levantamento cadastral, elaborou a planta de 1856. Esta é uma boa representação cartográfica, em termos de detalhamento da área arruada, da qual seria a Fortaleza do Boticário Ferreira. A planta do padre Manuel Rego apresenta ruas bem alinhadas, praças bem delimitadas e vários edifícios públicos<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Nessa planta há vários locais e edificações fáceis de identificar: o cemitério de S. Casemiro, a Cadeia (Centro de Turismo), o Hospital de Caridade (Santa Casa de Misericórdia), o quartel (fortaleza), Tesouraria central, Tesouraria Provincial e as várias praças - Praça da Amélia (da Estação), Largo do Hospital de Caridade (Passeio Público), Praça do Patrocínio (José de Alencar), Praça Nova (do Carmo), Largo da Matriz (Praça

O historiador Barão de Studart atualiza os nomes das ruas dessa planta para o ano de 1906. Muitos deles permanecem até hoje:

Nella figuram as ruas da Lagoinha (Tristão Gonçalves), do Patrocínio (General Sampaio), Amélia (Senador Pompeu), Formosa, da Palma (Major Facundo) com o seu prolongamento - Rua do Fogo, ruas da Alegria, da Pitombeira e das Bellas que constituem hoje a Rua Floriano Peixoto, Rua Larga que é a actual Cel. Bezerril, Rua do Rosário ainda hoje com o mesmo nome, rua dos Mercadores, chrismada depois com o nome de Conde d'Eu e hoje Senna Madureira, rua da Matriz, Rua do Norte, Rua do Oiteiro, Rua da Ponte, Rua dos Chafaris e rua d'Alfandega. (1906, p. 111).



Figura 8 - Planta da cidade de Fortaleza, levantada no ano 1856, pelo Padre Manoel do Rego Medeiros. Fonte: Castro, 1982, p. 58.

da Sé), Praça Municipal (Ferreira), Largo do Garrote (Praça dos Voluntários, Polícia). Mais afastado, ultrapassando o rio Pajeú já existia a capela da Conceição, que deu lugar ao Seminário da Prainha e o Cemitério da Praia, que após um único sepultamento foi interdito, pois a sua localização a barlavento foi considerada perigosa para a cidade.

A planta da cidade, datada de abril de 1859, foi levantada por Adolpho Herbster: “Planta Exacta da Capital de Fortaleza”. O engenheiro fora contratado pela Câmara Municipal para planejar e controlar a expansão de Fortaleza e teria grande papel no aspecto com que a cidade chegou ao século XX.

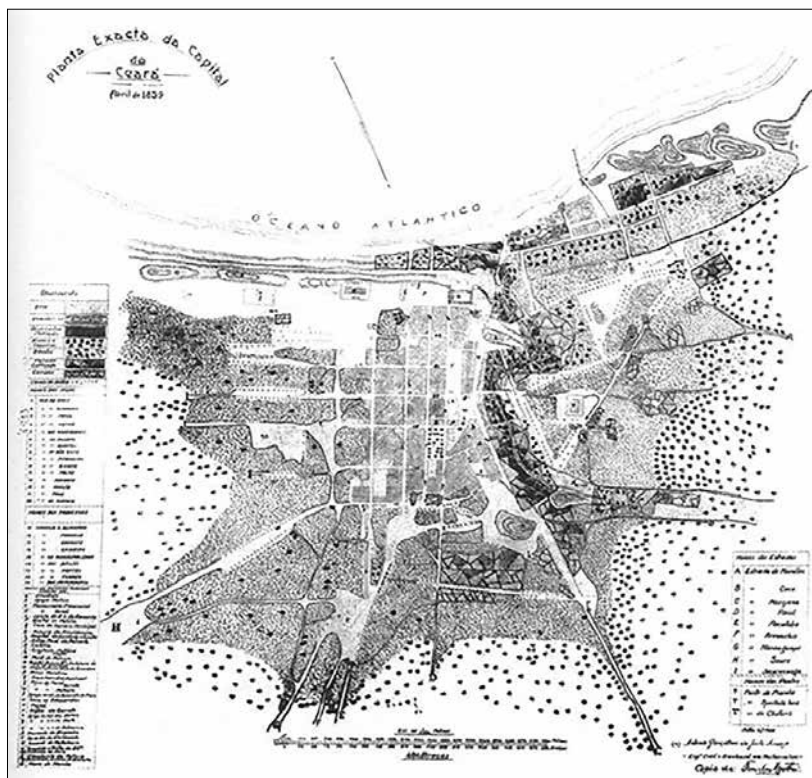


Figura 9 - Planta exacta da capital do Ceará por Adolpho Herbster, abril 1859.  
Fonte: Castro, 1982.

Em 1868, foi publicada no Atlas do Império do Brasil, do maranhense Candido Mendes de Almeida, editado, “Planta topographica da cidade da Fortaleza, Capital do Ceará, levantada e organizada em 1863 pelo engenheiro da província e architecto da câmara municipal Adolpho Herbster” (manuscrito). Esta planta, de acordo com Castro (1994, p. 85), atendia a uma demanda da Câmara, de elaboração de um plano de



expansão para “resolver problemas surgidos com o crescimento fortalezense”. Ressalta-se ainda a presença do cemitério São Casemiro e o anexo dos Ingleses.

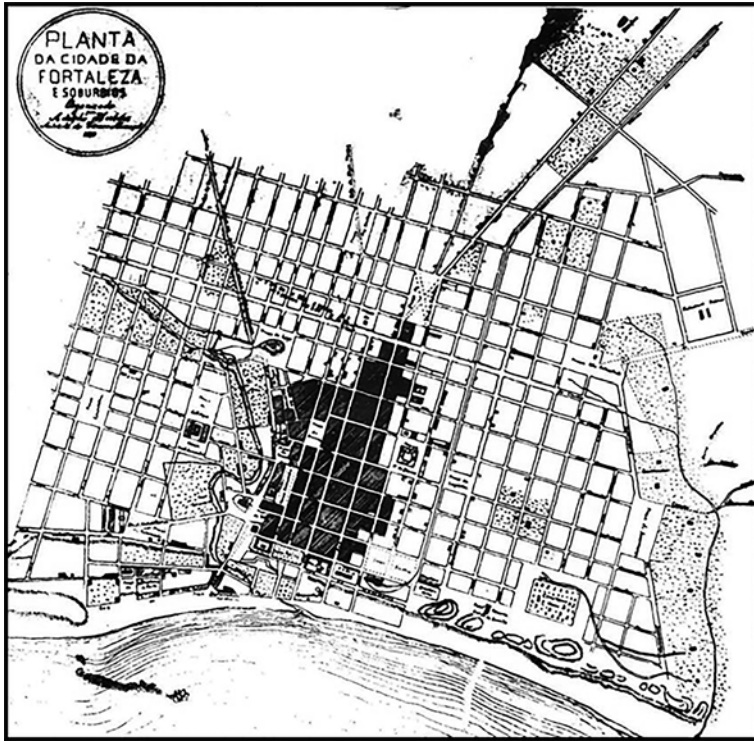


Figura 10 - Planta topographica da cidade de Fortaleza e seus subúrbios (1875) por Adolpho Herbster. Fonte: Castro, 1982.

Em 1875, Herbster elaborou a “Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios”, influenciado pelo urbanismo do Barão Haussmann, reformador de Paris (1853-1870). Nela, Herbster projetou uma sequência de “ruas largas”, limitando o núcleo urbano da cidade e que receberiam os nomes de Boulevard do Imperador (Avenida do Imperador), Boulevard da Conceição (Avenida D. Manuel) e Boulevard do Livramento (Avenida Duque de Caxias). O plano, de traçado expansionista, levava o sistema xadrez muito além da parte construída, esten-

dendo a cidade para leste, até a Rua da Aldeota (hoje Nogueira Acioli); para sul, até a rua dos Coelhos (Domingos Olímpio), e para oeste até as Praças Gustavo Barroso e Paula Pessoa. O alinhamento de algumas ruas exigiu a eliminação de alguns arruados.



Figure 11 - Planta da cidade de Fortaleza (1888) por Adolphe Herbster. Fonte: Castro, 1982.

Em 1888, a terceira planta de Fortaleza levantada pelo engenheiro, ampliava e consolidava ainda mais o enxadrezamento e a remodelação da cidade. A proposta de Herbster foi tão significativa para Fortaleza, que, até hoje, o centro principal da cidade está ainda circunscrito aos limites das avenidas por ele traçadas. O censo de 1887, feito pela Chefia de Policia, encontrou 19.281 habitantes na área urbanizada.

Segundo Malmmann (1931), a cidade se concentraria na área delimitada pelos três bulevares traçados por Herbster, onde habitava a maior parte da população, que estavam distribuídos em 72 sobrados, 4.447 casas térreas e 1.278 choupanas e os 36 edifícios públicos.

A implantação de infraestrutura e serviços em áreas de adensamento e de população de maior poder aquisitivo, foi o fator preponderante no direcionamento da expansão de Fortaleza e da valorização da terra. Cresce a população, aumenta a cidade, assim como os problemas de ordem sanitária. Enquanto os serviços de iluminação a gás (1867), telefonia (1891), sistema de transporte urbano (1880) foram os primeiros a serem implantados, a rede geral de água e esgoto, fundamental para garantir a salubridade urbana, somente é inaugurada em 1927, contemplando o centro e os bairros de população de maior renda.

## 7 Considerações finais

Desde a chegada, a marca que a seca imprimiu a região torna-a sensível. Um longa linha de dunas, fulvas e nuas, brilhando sob o sol, borda o mar resplandescente. A pequena « cité » de Fortaleza se esconde detras, cercada de um oasis de coqueiros; nos arredores da cidade, construída à moda europeia, um povoado de casas primitivas se abriga entre palmeiras. (DENIS, 1909, p. 271).<sup>15</sup>

A paisagem da Fortaleza descrita pelo francês Pierre Denis, no início do século XX, expressa as condições naturais que marcaram a sua edificação, como também a presença europeia em seu traçado e arquitetura. Ele descreve uma pequena cidade escondida por trás de coqueirais. Cidade pequena, acanhada com casas primitivas construídas entre coqueiros, mas, ressalta o autor, construída à moda europeia.

Procuramos descrever nesse texto a evolução urbana dessa pequena cidade ao longo do século XIX, dando ênfase aos seus planos de

---

<sup>15</sup> Dès l'arrivée, la marque que la sécheresse a imprimée au pays devient sensible. Une longue ligne de dunes, fauves et nues, éclatantes sous le soleil, borde la mer resplendissante. La petite cité de Fortaleza se cache derrière, entouré d'une oasis de cocotiers : autour de la ville, bâtie à l'européenne, un peuple de cases primitives s'abrite entre les palmiers. (DENIS, 1909, p. 271).

expansão elaborados ao longo deste século. Sua localização, isolada das áreas economicamente produtivas até o início do século XIX, teve por muito tempo como principais funções a de centro administrativo da Capitania e ponto de apoio para o abastecimento dos navios que viajavam entre Recife e São Luís do Maranhão. Este fato explicava a pobreza da vila que só vai alterar a sua dinâmica após a separação da Capitania de Pernambuco (1799), a produção do algodão e sua exportação pelo porto de Fortaleza e a política do Império de fortalecimento das capitais das províncias. A construção da ferrovia no final do século XIX, fortalecerá ainda mais o papel da capital na rede urbana cearense. O crescimento econômico favorece os investimentos na capital e atração de migrantes, principalmente nos longos períodos de estiagem. A seca é um elemento importante para se compreender essa evolução urbana pela situação de centralidade urbana que Fortaleza passou a ocupar na rede urbana do Ceará.

Quando reconstruímos a história urbana de Fortaleza é impressionante a presença dos planos de ordenamento de uso e ocupação do seu espaço. De vila pobre do final do século XVIII, Fortaleza tem sua primeira tentativa de organização formal em 1800, com a contratação de um arruador, visando dar orientação e regularidade às ruas e disciplinar o traçado da vila de Fortaleza.

Constata-se que a organização espacial de Fortaleza ao longo de todo o século XIX foi em grande parte de responsabilidade da posição da sede do poder político, secundado pela centralização das riquezas produzidas por outras cidades do interior da província. Essa condição de capital será de fundamental importância para se entender a lenta expansão da cidade, sempre sujeita às condições econômicas da própria província. O traçado urbano e a forma de ocupação do espaço da cidade de Fortaleza desde o início da sua transformação em capital da Capitania é repleto de desejo de seus governantes preocupados com seu ordenamento.

## Referências

AGASSIZ Luís, AGASSIZ Elizabeth. *Viagem ao Brasil* (1865-1866). São Paulo: Companhia Editora Nacional: 1938.

BARLAEUS, Caspar. História dos feitos recentemente praticados du-

rante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau [...]. Tradução e anotações de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940.

BRAGA Renato. *História da Comissão Científica de Exploração de 1859*. Fortaleza: EDUFC, 1962.

BRASIL Thomaz Pompeo de Sousa (Senador Pompeu). *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Tomos I e II. Ed. fac. sim. publicada em 1863. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

BRASIL (filho) Thomaz Pompeo de Sousa. Importância da vida humana como factor da riqueza – O desenvolvimento da população da Fortaleza. Sua natividade e mortalidade. Taxa excessiva desta. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza, Typ. Studart, 1896, p. 3-67.

BELMAR, Alexandre de. Voyage aux provinces brésiliennes du Pará et des Amazones em 1860, précédé d'un rapide coup d'oeil sur le littoral du Brésil. Londres. Trezise, Imprimeur, 4 Beach Street Barbican, 1861. In: *Revista do Instituto do Ceará*, t.XII, Fortaleza, Typ. Studart, 1898.

CAMPOS Eduardo. *A Fortaleza provincial: rural e urbana*. Introdução ao estudo dos códigos de posturas de 1835, 1865, 1870 e 1879. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988. 121 p.

CASTRO, José Liberal. Arquitetura eclética no Ceará. In: FABRIS, Anateresa (org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo, Nobel/EDUSP, 1987, p. 210-255.

\_\_\_\_\_. Cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários. In: PMF. *Fortaleza: A administração Lúcio Alcântara (1979-1982)*. Fortaleza, PMF, 1982.

\_\_\_\_\_. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana da cidade da Fortaleza. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: 1994 p. 43-90.

\_\_\_\_\_. Uma planta fortalezense de 1850 reencontrada. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo CXVIX, Instituto do Ceará, Fortaleza, 2005.

\_\_\_\_\_. Planos para Fortaleza esquecidos ou descaminho de desenhos da Cidade. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: 2011 p. 65-1360.

CLAVAL, Paul. *La logique des villes. Essai d'urbanologie*. Paris: LITEC, 1981.

DENIS, Pierre. *Le Brésil au XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Librairie Armand Colin, 1909.

FREIRE ALEMÃO, Francisco. *Os manuscritos de Freire Alemão* (1859). Catálogo e Transcrição por Darcy Damasceno e Waldir da Cunha. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1964.

FREIRE, José Cândido. O melhor clima do mundo - Ideia humanitária. In: *Almanach dos municípios do Estado do Ceará para 1908*. Fortaleza: Livraria Araújo, 1908.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1979/1997.

\_\_\_\_\_. *Pequena História do Ceará.*, Ed. UFC, Fortaleza, 1984 (Coleção Estudos Cearenses).

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. S.Paulo: EDUSP, 2000.

GUABIRABARA, Maria Célia de Araújo. Ceará. *A crise permanente do modelo exportador (1850-1930)*. Fortaleza: Edições IMOPEC, 1989.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. (Travels in Brazil, XXX ). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade: Fortaleza em questão*. Fortaleza: Stylos Comunicações, 1991.

MALMMANN, Elias. *Fortaleza histórica: Álbum*. Fotografias e diversos aspectos da cidade, de seus principais representantes no comércio, indústria, ciências e artes. Fortaleza : 1931.

MENEZES, Luiz Barba Alardo de. Memória sobre a capitania independente do Ceará Grande escripta em 18 de abril de 1814 pelo governador da mesma. Cópia de documento existente no Archivo Publico. *Revista do Instituto do Ceará*. V. 11, T.11, Fortaleza: Typographia Studart, 1897.

MONTANUS, Arnoldus. *De nieuwe en Ordekende Weereld (...)*. Amsterdam: Jacob Meurs, 1671.

NOGUEIRA Paulino. Presidentes do Ceará durante a monarquia. Período regencial - 7º presidente - Senador José Martiniano de Alencar. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typografia Studart, 1889.

NOGUEIRA Paulino. Vida de Antonio Rodrigues Ferreira. *Revista do Instituto do Ceará*. t.I, Fortaleza: Typ. do Cearense, 1887, p.13-55.

SABOIA RIBEIRO, J. O. Memorial justificativo do Plano Diretor para a cidade de Fortaleza apresentado a Prefeitura de Fortaleza em junho de 1947. In: *Revista do Instituto do Ceará*, t. LXIX, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1955.

PAULET, Silva. Descrição Geográfica abreviada da capitania do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. t. XII, Fortaleza, Typographia Studart, 1898.

SANTOS, João Brígido. Fortaleza de 1810. (1ª edição 1882). Fortaleza: Edições UFC, 1976.

SOUZA, Maria Salete. Fortaleza. Uma análise da estrutura urbana. AGB (Org.). In: *Guia de Excursões* do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos. Fortaleza, AGB/SUDEC/UFC, 1978.

STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Datas e factos para a história do Ceará*. Fortaleza: Typographia Studart, 1896.

\_\_\_\_\_. Resenha de cartas e mappas do Ceará. Ligeira noticia dos seus autores. In: *Revista da Academia Cearense*. t. X, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906, p.65-136.

\_\_\_\_\_. Climatologia, epidemias e endemias do Ceará. In: *Revista da Academia Cearense*. Tomo XIV, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

